







**CÂMARA MUNICIPAL DE MONÇÃO**  
**REAL CONFRARIA DO VINHO ALVARINHO - 2014**

Coordenação: Professor Doutor Gonçalo Marques

*Autores*

**ANSELMO MENDES . CONCEIÇÃO OSÓRIO  
ERNESTO PORTUGUÊS . GONÇALO MARQUES . HÉLDER MARQUES  
JOÃO GARRIDO . JOÃO PEDRO MENDONÇA  
JOSÉ AUGUSTO MAIA MARQUES . JOSÉ EMÍLIO PEDREIRA MOREIRA  
MANUELA BENVINDA CACHADINHA**



**ANSELMO MENDES** – ENÓLOGO ESPECIALIZADO NA CASTA ALVARINHO | **CONCEIÇÃO OSÓRIO** – RESPONSÁVEL PELO CENTRO DE DOCUMENTAÇÃO DA CVRVV. **ERNESTO PORTUGUÊS** – HISTORIADOR DE MONÇÃO. DOUTORANDO NA UNIVERSIDADE NOVA DE LISBOA. | **GONÇALO MARQUES** – HISTORIADOR DO VINHO VERDE. DOCENTE DO IPVC E DO ISMAI. INVESTIGADOR DO CEDTUR/CETRAD. **HÉLDER MARQUES** – GEÓGRAFO. ESPECIALISTA NA REGIÃO DOS VINHOS VERDES. DOCENTE DA FACULDADE DE LETRAS DO PORTO (FLUP). | **JOÃO GARRIDO** – ENÓLOGO. DIRECTOR TÉCNICO DA ESTAÇÃO AMÂNDIO GALHANO DA CVRVV. **JOÃO PEDRO MENDONÇA** – GEÓGRAFO. DOCENTE DO ISMAI – INSTITUTO UNIVERSITÁRIO DA MAIA. INVESTIGADOR DO CEDTUR/CETRAD. | **JOSÉ AUGUSTO MAIA MARQUES** – HISTORIADOR E PATRIMONIÓLOGO. AUTOR DO INVENTÁRIO ARQUEOLÓGICO DO CONCELHO DE MONÇÃO. INVESTIGADOR DO CEDTUR/CETRAD. | **JOSÉ EMÍLIO PEDREIRA MOREIRA** – ANTIGO DA ADEGA COOPERATIVA DE MONÇÃO, DA CVRVV E DA AUTARQUIA DE MONÇÃO. | **MANUELA BENVINDA CACHADINHA** – INVESTIGADORA SOCIAL. DOCENTE DA ESCOLA SUPERIOR DE EDUCAÇÃO DO INSTITUTO POLITÉCNICO DE VIANA DO CASTELO. INVESTIGADORA DO CEMRI-UAB.



# ÍNDICE

P. 20 / 21

**NOTA DO COORDENADOR** - Gonçalo Maia Marques

P. 20 / 21

**NOTA DOS EDITORES** - Presidente da Câmara Municipal de Monção, Augusto Oliveira Domingues

P. 20 / 21

**PREFÁCIO** - José Viriato Eiras Capela

P. 20 / 21

**CAPÍTULO I** - O Vinho e o Homem, de ambos os lados do espelho, José Maia Marques

P. 20 / 21

**CAPÍTULO II** - As características Territoriais e a Afirmação do Alvarinho , João Pedro Mendonça

P. 20 / 21

**CAPÍTULO III** - Na senda do Alvarinho, Gonçalo Maia Marques

P. 20 / 21

**CAPÍTULO IV** - O Engenheiro Amândio Galhano e a região de Monção, Conceição Osório

P. 20 / 21

**CAPÍTULO V** - O Alvarinho nas Escritas Monçanenses e Melgacenses, Ernesto Português

P. 20 / 21

**CAPÍTULO VI** - Herança Cultural do Alvarinho, Manuela Cachadinha;

P. 20 / 21

**CAPÍTULO VII** - Aspetos Socioeconómicos da Produção de Vinho na Sub-Região de Monção e Melgaço  
Equipa da Escola Superior Agrária do IPVC

P. 20 / 21

**CAPÍTULO VIII** - A casta Alvarinho suas potencialidades e equívocos, Anselmo Mendes

P. 20 / 21

**CAPÍTULO IX** - A Casta Alvarinho, João Garrido

P. 20 / 21

**CAPÍTULO X** - As condições naturais, na sub-região de Monção e Melgaço, para a zonagem agro-ecológica e identidade do alvarinho, Equipa da Escola Superior Agrária do IPVC

P. 20 / 21

**CAPÍTULO XI** - Vinho e Turismo na Região dos Vinhos Verdes | Eduardo Cordeiro Gonçalves

P. 20 / 21

**CAPÍTULO XII** - Posfácio. O Futuro não se Herda. Constrói-se! | José Emílio Moreira



# NOTA DO COORDENADOR

Numa época em que, cada vez mais, se fala em vinhos, castas e terroirs importa, talvez como em nenhuma outra ocasião na História da Cultura e Civilização da vinha e do vinho, estudar e compreender a história que cada vinho tem para contar. Ela é única, irrepetível, mas enquadra-se em todo um conjunto de processos de natureza técnica e cultural que se revestem de grande importância para os presentes e os vindouros.

Nunca – talvez, como hoje – se falou tanto no vinho Alvarinho. Em primeiro lugar, pela sua excepcional Qualidade e Distinção no plano dos vinhos nacionais com grande capacidade exportadora. Em segundo lugar, pela sua ligação ao território de Monção e Melgaço e à região Demarcada dos vinhos verdes e, em terceiro lugar, pelo seu elevado potencial económico como uva e como vinho, por todos aplaudido e por todos reconhecido.

Procuramos, movidos pelo interesse que a temática tem suscitado em distintos fóruns, lançar “mãos à obra” e desvendar as origens deste vinho, perdidas na bruma do tempo e que, subitamente chamadas aos holofotes mediáticos – esse espaço sempre deslumbrante, mas igualmente perigoso e tentador – precisam de se revelar.

Para isso, pareceu-nos que nada seria melhor do que nos socorrermos da infinidade de conhecimentos e áreas de especialidade que, no universo vitivinícola se podem encontrar e conjugar – História, Geografia, Sociologia, Etnografia, Enologia, Agronomia e Urbanismo – com o intuito de melhor cumprir uma missão que a todos nos deve orgulhar: transmitir aos nossos concidadãos o testemunho de uma Memória que a todos nos faz mais ricos.

Quando, em 2013, o então Presidente da Câmara Municipal de Monção, meu Querido Amigo e Confrade, Dr. José Emílio Pedreira Moreira – a quem muito agradeço – me desafiou a entrar nesta aventura, achei que só o conseguiria fazer com um respeito e um amor profundo pela terra e pelas gentes de Monção e da Ribeira Minho, que conheci desde o ventre materno, visto que por aqui, ainda em processo biológico de formação, me encontrava com os meus pais que, então, trabalhavam em escavações arqueológicas. Foi, por todas as razões, um convite que muito me Honrou e que mostra como a História pode ser curiosa para os seus discípulos.

Era altura de pôr mãos ao trabalho e convidar os autores que se encontravam dentro dos domínios de especialidade e que tinham também

ligações ao Alto Minho, à Vinha e ao Vinho. Cada autor trabalhou de acordo com um plano previamente definido e construído com achegas e contributos de todos, mas que possibilitou, a cada um, a maior liberdade de, em função da área de especialidade, poder trabalhar com honestidade e responsabilidade. Gostaria de agradecer a todos pela sua dedicação, disponibilidade e vontade de trabalhar em torno desta grande empresa, que é de todos nós como admiradores do Vinho Alvarinho e destas terras tão boas.

Tal sucedeu com a preciosa ajuda da Câmara Municipal de Monção, cujo incentivo e apoio aqui queria, publicamente, agradecer, tanto através da Presidência, na pessoa do Engenheiro Augusto Domingues, como da sua Vereação, nomeadamente o Dr. Paulo Jorge Esteves e os técnicos superiores da área do Património, Dr. José Rodrigues e Dra. Odete Barra. O meu Muito Obrigado.

Queria igualmente agradecer a um dos grandes mentores deste projecto: o meu Querido Colega e Amigo Professor Ernesto Português, ilustre monçanense que sempre acarinhou a vontade de conhecer um pouco melhor as origens deste vinho tão celebrado nos anais da História. Foi graças ao seu companheirismo, sugestões e observações muito atentas e amigas que foi possível fazer florescer esta grande vinha e provarmos agora este Alvarinho.

Permitam-me que agradeça também a alguns amigos que muitos elementos proporcionaram e ofereceram para que estas linhas chegassem até vós nesta obra: primeiramente o Amigo Senhor João Abel Cerqueira,



um repositório vivo de tantos documentos e memórias relacionadas com o Vinho Alvarinho. Sem a sua Amizade e Dedicção a esta causa, jamais este projecto teria visto a luz do dia. O nosso infinito Obrigado. Iguais agradecimentos dirigimos ao Dr. Manuel Pinheiro, Presidente da CVRVV, cujo apoio e entusiasmo sentimos desde a primeira hora em que nos foi incumbida esta missão. E ao amigo Eng<sup>o</sup> Barros Lopes, um dos homens de cultura que por estas terras conhecemos que, com o seu profundo conhecimento do Alto Minho tanto nos ajudou, inclusive com sugestões e hipóteses de trabalho que tão úteis nos foram. Um Abraço de Grande Amizade vai também para o Amigo Joaquim Barbosa, cuja paixão pelo Alto Minho e pelo Vinho permitiu, igualmente, aceder a preciosos materiais de grande importância para este trabalho.

(Re)conhecer as origens históricas, o território e a cultura deste vinho tão singular foi um desafio para todos os autores desta obra colectiva cujo grande móbil foi sempre a procura da unidade na diversidade. Cada autor trouxe a este conjunto bibliográfico um olhar e uma sensibilidade próprias e únicas, como singular e absolutamente distinto é o próprio vinho Alvarinho. Apesar de informações diversas – e, por vezes, contraditórias – procuramos que o resultado final espelhasse que, tal como o Rio Minho, a compreensão deste vinho seja tão ampla quanto os povos das suas margens, unidos e irmanados na crença da felicidade profunda que o vinho pode trazer.

Foi seguida por todos os autores a Norma de referência bibliográfica APA (American Psychological Association), com o intuito de conferir unidade e dimensão científica a todos os textos. Optou-se pela colocação da bibliografia no final de cada capítulo para facilitar aos leitores o acesso às fontes de informação.

No primeiro capítulo, verdadeiramente exploratório e introdutório, José Augusto Maia Marques levar-nos-á aos primórdios do conhecimento civilizacional que enquadra a produção vinícola em ambas as margens do Rio Minho, espaço privilegiado do Vinho Alvarinho.

Em seguida, João Pedro Mendonça revela-nos alguns detalhes do terroir do Alvarinho, enquadrando-o na Região Demarcada dos Vinhos Verdes. Segue-se o capítulo em que Gonçalo Marques busca as origens mais remotas, documentalmente falando, do vinho Alvarinho.

Nos capítulos seguintes, Ernesto Português centra-se na importância dos documentos locais, nomeadamente da Imprensa Periódica e do Arquivo Municipal, relacionados com a História do Vinho Alvarinho e Conceição Osório mostra a importância do legado do Engenheiro Amândio Galhano na afirmação plena do Alvarinho no mercado nacional e internacional.

Segue-se uma abordagem de Manuela Cachadinha e outras autoras sobre a Herança Cultural do Alvarinho na vida, nos costumes e nas rotinas sociais dos seus produtores e consumidores. E a importante abordagem enológica da casta, feita por João Garrido, autor especializado no tema.

Fica um contributo para a valorização deste produto secular, cuja ligação à Ribeira Minho e aos concelhos de Monção e Melgaço é embrionária e perfeitamente fulcral como construção histórica e geográfica. Compreende-se que é o pulsar desta terra, deste micro-clima, das especificidades do solo, da aragem e, claro, do Rio, que motivaram, ao longo dos anos e dos séculos, os monçanenses e melgacenses a produzirem vinhos de fina estirpe, destinados às mais educadas e exigentes bocas. Seguramente que o Alvarinho é, além de um vinho com Memória, um vinho cheio de Futuro e que, doravante, vale a pena estar atento ao seu percurso dentro e fora destas históricas fronteiras.



COORDENADOR DA OBRA  
**GONÇALO MARQUES**



# NOTA DOS EDITORES

em todo um conjunto de processos de natureza técnica e cultural que se revestem de grande importância para os presentes e os vindouros.

Nunca – talvez, como hoje – se falou tanto no vinho Alvarinho. Em primeiro lugar, pela sua excepcional Qualidade e Distinção no plano dos vinhos nacionais com grande capacidade exportadora. Em segundo lugar, pela sua ligação ao território de Monção e Melgaço e à região Demarcada dos vinhos verdes e, em terceiro lugar, pelo seu elevado potencial económico como uva e como vinho, por todos aplaudido e por todos reconhecido.

Procuramos, movidos pelo interesse que a temática tem suscitado em distintos fóruns, lançar “mãos à obra” e desvendar as origens deste vinho, perdidas na bruma do tempo e que, subitamente chamadas aos holofotes mediáticos – esse espaço sempre deslumbrante, mas igualmente perigoso e tentador – precisam de se revelar.

Para isso, pareceu-nos que nada seria melhor do que nos socorrermos da infinidade de conhecimentos e áreas de especialidade que, no universo vitivinícola se podem encontrar e conjugar – História, Geografia, Sociologia, Etnografia, Enologia, Agronomia e Urbanismo – com o intuito de melhor cumprir uma missão que a todos nos deve orgulhar: transmitir aos nossos concidadãos o testemunho de uma Memória que a todos nos faz mais ricos.

Quando, em 2013, o então Presidente da Câmara Municipal de Monção, meu Querido Amigo e Confrade, Dr. José Emílio Pedreira Moreira – a quem muito agradeço – me desafiou a entrar nesta aventura, achei que só o conseguiria fazer com um respeito e um amor profundo pela terra e pelas gentes de Monção e da Ribeira Minho, que conheci desde o ventre materno, visto que por aqui, ainda em processo biológico de formação, me encontrava com os meus pais que, então, trabalhavam em escavações arqueológicas. Foi, por todas as razões, um convite que muito me Honrou e que mostra como a História pode ser curiosa para os seus discípulos.

Era altura de pôr mãos ao trabalho e convidar os autores que se encontravam dentro dos domínios de especialidade e que tinham também

possibilitou, a cada um, a maior liberdade de, em função da área de especialidade, poder trabalhar com honestidade e responsabilidade. Gostaria de agradecer a todos pela sua dedicação, disponibilidade e vontade de trabalhar em torno desta grande empresa, que é de todos nós como admiradores do Vinho Alvarinho e destas terras tão boas.

Tal sucedeu com a preciosa ajuda da Câmara Municipal de Monção, cujo incentivo e apoio aqui queria, publicamente, agradecer, tanto através da Presidência, na pessoa do Engenheiro Augusto Domingues, como da sua Vereação, nomeadamente o Dr. Paulo Jorge Esteves e os técnicos superiores da área do Património, Dr. José Rodrigues e Dra. Odete Barra. O meu Muito Obrigado.

Queria igualmente agradecer a um dos grandes mentores deste projecto: o meu Querido Colega e Amigo Professor Ernesto Português, ilustre monçanense que sempre acarinhou a vontade de conhecer um pouco melhor as origens deste vinho tão celebrado nos anais da História. Foi graças ao seu companheirismo, sugestões e observações muito atentas e amigas que foi possível fazer florescer esta grande vinha e provarmos agora este Alvarinho.

Permitam-me que agradeça também a alguns amigos que muitos elementos proporcionaram e ofereceram para que estas linhas chegassem até vós nesta obra: primeiramente o Amigo Senhor João Abel Cerqueira,

luz do dia. O nosso infinito Obrigado. Iguais agradecimentos dirigimos ao Dr. Manuel Pinheiro, Presidente da CVRVV, cujo apoio e entusiasmo sentimos desde a primeira hora em que nos foi incumbida esta missão. E ao amigo Eng<sup>o</sup> Barros Lopes, um dos homens de cultura que por estas terras conhecemos que, com o seu profundo conhecimento do Alto Minho tanto nos ajudou, inclusive com sugestões e hipóteses de trabalho que tão úteis nos foram. Um Abraço de Grande Amizade vai também para o Amigo Joaquim Barbosa, cuja paixão pelo Alto Minho e pelo Vinho permitiu, igualmente, aceder a preciosos materiais de grande importância para este trabalho.

(Re)conhecer as origens históricas, o território e a cultura deste vinho tão singular foi um desafio para todos os autores desta obra colectiva cujo grande móbil foi sempre a procura da unidade na diversidade. Cada autor trouxe a este conjunto bibliográfico um olhar e uma sensibilidade próprias e únicas, como singular e absolutamente distinto é o próprio vinho Alvarinho. Apesar de informações diversas – e, por vezes, contraditórias – procuramos que o resultado final espelhasse que, tal como o Rio Minho, a compreensão deste vinho seja tão ampla quanto os povos das suas margens, unidos e irmanados na crença da felicidade profunda que o vinho pode trazer.

acesso as fontes de informação.

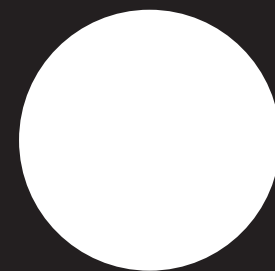
No primeiro capítulo, verdadeiramente exploratório e introdutório, José Augusto Maia Marques levar-nos-á aos primórdios do conhecimento civilizacional que enquadra a produção vinícola em ambas as margens do Rio Minho, espaço privilegiado do Vinho Alvarinho.

Em seguida, João Pedro Mendonça revela-nos alguns detalhes do terroir do Alvarinho, enquadrando-o na Região Demarcada dos Vinhos Verdes. Segue-se o capítulo em que Gonçalo Marques busca as origens mais remotas, documentalmente falando, do vinho Alvarinho.

Nos capítulos seguintes, Ernesto Português centra-se na importância dos documentos locais, nomeadamente da Imprensa Periódica e do Arquivo Municipal, relacionados com a História do Vinho Alvarinho e Conceição Osório mostra a importância do legado do Engenheiro Amândio Galhano na afirmação plena do Alvarinho no mercado nacional e internacional.

Segue-se uma abordagem de Manuela Cachadinha e outras autoras sobre a Herança Cultural do Alvarinho na vida, nos costumes e nas rotinas sociais dos seus produtores e consumidores. E a importante abordagem enológica da casta, feita por João Garrido, autor especializado no tema.

Fica um contributo para a valorização deste produto secular, cuja ligação à Ribeira Minho e aos concelhos de Monção e Melgaço é embrionária e perfeitamente fulcral como construção histórica e geográfica. Compreende-se que é o pulsar desta terra, deste micro-clima, das especificidades do solo, da aragem e, claro, do Rio, que motivaram, ao longo dos anos e dos séculos, os monçanenses e melgacenses a produzirem vinhos de fina estirpe, destinados às mais educadas e exigentes bocas. Seguramente que o Alvarinho é, além de um vinho com Memória, um vinho cheio de Futuro e que, doravante, vale a pena estar atento ao seu percurso dentro e fora destas históricas fronteiras.



PRESIDENTE DA CÂMARA  
MUNICIPAL DE MONÇÃO  
**ENGENHEIRO**  
**AUGUSTO DOMINGUES**

---



---

# PREFÁCIO

---

Alvarinho, Memória e Futuro é certamente um bem ajustado título para reunir um conjunto de trabalhos em prol deste vinho de tão elevada qualidade, como é o vinho alvarinho das terras de Monção e Melgaço.

Bem se conjugaram a Câmara Municipal de Monção e a Confraria do Vinho Alvarinho, depositárias da memória e responsáveis também pelo futuro desta economia e património, em solicitar a coordenação desta obra a Gonçalo Marques, reconhecido estudioso e investigador académico desta temática da vinha e do vinho e da viticultura, na sua vertente histórico-patrimonial.

Memória que é aqui em grande medida, memória histórica e antropológica dos territórios que ao longo dos tempos promoveram um produto de alta qualidade, que a atentar no constante nível superior dos preços dos vinhos de Monção sempre se sobrelevam aos das regiões concorrentes dos vinhos verdes e aos sempre super protegidos vinhos do Alto Douro e maduros.

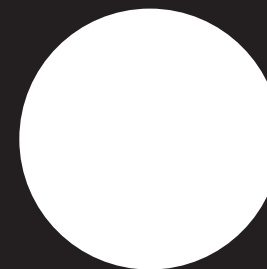
Quando pelos concelhos se promulgava o essencial das nossas leis económico-agrários era por eles especialmente nos concelhos vinhateiros, que passavam o essencial das medidas para a proteção das suas culturas. Sabemos hoje como Monção, Ponte de Lima e outros concelhos foram ao longo dos tempos capazes de construir, defender e proteger os seus vinhos de qualidade.

Vieram depois as políticas nacionais (desde a Companhia dos Vinhos do Alto Douro de 1756), com os Regionalismos do século XX e as suas regiões demarcadas que em grande medida aplicarão aqueles ordenamentos históricos municipais.

Mas estas políticas regionais de composição nacional não foram favoráveis às produções das pequenas áreas concelhias e locais nelas inseridas que tudo submetiam e hierarquizavam em função dos grandes centros produtores, de consumo e de comércio. De algum modo isto se passou também para a região dos Vinhos Verdes, relativamente aos seus territórios de melhores produções, como é o caso de Monção. E os “mitos” constantemente perseguido da superioridade dos vinhos maduros sobre os verdes e que a principal vocação do Minho é a produção do milho, criaram dificuldades por vezes intransponíveis à ação da sua região demarcada e afirmação dos seus vinhos. Nela também se foram afundando os vinhos históricos de Monção (e de Melgaço) ainda que sempre classificados de superior qualidade.

O “resgate” dos vinhos de Monção é tarefa recente. Arranca com a instituição da sub-região (1929), consagra-se na atribuição da denominação de origem, realiza-se com a criação da Adega Cooperativa (1952-1959) que nos seus estatutos gravou em letra de forma a sua tarefa fundamental, e ainda insubstituível, de concorrer para os progressos e aperfeiçoamento técnico e económico da viticultura regional, procedendo a investigações e ensaios para «facilitação do trabalho, a redução do preço de custo e o aumento da produção, sem perda de qualidade e tipismo». Neste domínio a Adega e os empresários monçanenses não deixavam de aproveitar as melhores lições e contributos de notável geração de enólogos portugueses. De facto a investigação e o ensaio são pedras de toque, insubstituíveis da melhoria da qualidade dos vinhos e que não podem ser diminuídos.

Mas há também um enorme trabalho da sua promoção económica e turística que passa pelo resgate dos “mitos” pejorativos que sempre acompanham os verdes. Este trabalho, de natureza histórico-cultural, tal realiza em grande medida. E integra o Alvarinho no melhor do nosso património nacional. E deste modo na expressão do poeta, torna mais inteligível a terra pelo gosto do seu vinho.



PROF. CATEDRÁTICO DA  
UNIVERSIDADE DO MINHO  
**PROFESSOR DOUTOR**  
**JOSÉ VIRIATO EIRAS**  
CAPELA

**ESCOLA SUPERIOR AGRÁRIA - INSTITUTO  
POLITÉCNICO DE VIANA DO CASTELO**



Ana Paula Vale; Ana Sofia Rodrigues; Fernando Nunes;  
Isabel Afonso; Isabel Valin; Joana Nogueira; Joaquim Mamede Alonso; Júlio  
César; Raúl Rodrigues; Susana Mendes Moura; Teresa Madureira



**Tabela XXX.**

População Agrícola Familiar no total da População Residente (%)

	1979/1981	1989/1991	1999/2001	2009/2011
Melgaço	62,3	75	41	30
Monção	48,8	57	37	30
<b>SRMM</b>	<b>53,6</b>	<b>63</b>	<b>38</b>	<b>30</b>

FONTE: INE, RECENSEAMENTOS DA POPULAÇÃO E RECENSEAMENTOS AGRÍCOLAS (ELABORAÇÃO PRÓPRIA).

Estas mudanças demográficas e socioeconómicas condicionam significativamente a evolução da produção de vinho, quer em termos quantitativos, quer qualitativos. Na economia tradicional, o vinho verde, muito dele tinto, era produção obrigatória, por ser elemento chave na alimentação de homens e mulheres do campo. Esta componente da pequena produção tem vindo a diminuir drasticamente. São menos os braços disponíveis, e para muitas famílias deixou de compensar o esforço no cuidado das vides, na vindima e na vinificação caseira, bem como os proventos obtidos na venda dos excedentes.

No entanto, o setor agrícola também se adaptou às novas condições sociais e económicas. As aptidões edafoclimáticas, a evolução das condições de mercado e de rentabilidade das culturas, foram determinando opções de investimento nas explorações agrícolas e padrões territoriais de especialização. No caso dos concelhos de Monção e de Melgaço a vitivinicultura destaca-se, em torno de um produto muito diferenciado – o vinho alvarinho. Essa especialização é notória nos dados do último recenseamento agrícola (Tabela XXX), sendo muito superior à restante região dos vinhos Verdes (RVV) e mesmo em relação ao valor nacional.

**Tabela XXX.**Explorações agrícolas em função da especialização em 2009  
(com base na orientação técnico-económica)

Área Geográfica	Total de exportações	Explorações especializadas em vinha	Explorações não especializadas em vinha (mistas)	Explorações especializadas em vinha	Explorações não especializadas
	Nº	Nº	Nº	%	%
Melgaço	1019	375	416	36,8	40,8
Monção	2039	492	1373	24,1	67,3
<b>SRMM</b>	<b>3058</b>	<b>867</b>	<b>1789</b>	<b>28,4</b>	<b>58,5</b>
RVV	41880	4886	22207	11,7	53,0
<b>Portugal</b>	<b>305266</b>	<b>36474</b>	<b>101826</b>	<b>11,9</b>	<b>33,4</b>

FONTE: INE, RECENSEAMENTO AGRÍCOLA DE 2009

A reestruturação agrária é um processo lento. No caso das culturas permanentes, como é a vinha, estamos a falar de investimentos que são planeados para um horizonte temporal de décadas e que não permitem ajustes de curto-prazo. Se nos detivermos na evolução da área de vinha nos concelhos de Monção e de Melgaço, bem como na dimensão dessas vinhas em superfície agrícola ocupada, podemos observar que essa reestruturação está a ocorrer. A produção de vinho aumenta em área e aumenta também a dimensão média das vinhas (Tabela XXX e Gráfico XXX).

**Tabela XXX.**  
Superfície cultivada com vinha  
(hectares) (valores absolutos e evolução relativa)

ÁREA GEOGRÁFICA	1989	1999	2009
Melgaço	433	496	558
Monção	993	1084	1269
<b>SRMM</b>	<b>1426</b>	<b>1580</b>	<b>1827</b>
Melgaço	100,0	114,5	128,9
Monção	100,0	109,2	127,8
<b>SRMM</b>	<b>100,0</b>	<b>110,8</b>	<b>128,1</b>

As vinhas, inseridas em explorações cada vez mais especializadas nesta cultura, passam a ter uma área considerável e, obviamente, uma orientação clara para uma inserção plena nos mercados. No recenseamento de 1989 predominavam ainda, claramente, as pequenas áreas de vinha, com superfícies inferiores a meio hectare (70% em Melgaço e 56,2% em Monção). Mas em 2009 essas pequenas áreas de vinha já só correspondiam a 15,8% e a 21,8% do total dos vinhedos. Sendo ainda reduzida a média das áreas cultivadas com vinha, há já a considerar uma expansão significativa das explorações que cultivam dois ou mais hectares e a presença de explorações com mais de cinco hectares de vinha (8,6% das explorações com vinha em Melgaço, e 16,5% em Monção, no ano de 2009).

Gráfico XXX. Distribuição das vinhas por classes de área (%). Fonte: INE, Recenseamentos Agrícolas (elaboração própria).

A expansão da produção profissional de vinhos na sub-região de Monção e Melgaço na Região Demarcada dos Vinhos Verdes torna-se evidente quando analisamos o volume de vinho produzido nestes dois concelhos. Nos últimos vinte anos a produção total de vinho passou de um valor aproximado de 4 milhões de litros para o dobro. O aumento da produção ocorreu nos dois concelhos, sendo mais expressivo o crescimento de produção do concelho de Melgaço mas mantendo Monção um maior volume de produção.

Gráfico XXX - Evolução da produção total de Vinho nos concelhos de Monção e Melgaço (litros/ano, inclui brancos e tintos). Fonte: CVRVV (não inclui vinho regional do Minho). Elaboração própria.

É interessante verificar que, em termos de volume de produção, e desde o início dos anos 90, a sub-região de Monção e Melgaço mais do que quadruplicou a sua produção de vinho branco, passando de cerca de 1 400 000 litros para um valor médio de aproximadamente 5 750 000 litros de vinho branco neste período (tomando como referência médias de 3 anos consecutivos). A tendência de crescimento ocorre nos dois concelhos, mas também aqui o concelho de Melgaço, partindo de valores mais baixos, apresenta um crescimento mais acentuado. No caso do vinho tinto a evolução da produção foi no sentido contrário, com redução do volume ao longo dos anos. O vinho tinto, que era predominante ainda no início da década de 1990, está hoje claramente numa posição minoritária.

Gráfico XXX. Evolução da produção de Vinho Branco (litros/ano). Fonte: CVRVV (não inclui vinho regional do Minho). Elaboração própria.



Note-se que os vinhos da casta Alvarinho correspondem, na sub-região de Monção e Melgaço, a mais de 80% da totalidade do vinho branco produzido (Tabela XXX). Torna-se evidente que as mudanças estruturais anteriormente apresentadas refletem o efeito do Vinho Alvarinho, pelas condições particularmente favoráveis que apresenta ao nível dos mercados, que lhe reconhecem qualidade superior e distinta face aos demais vinhos verdes produzidos.

FONTE: CVRVV

**Tabela.**  
O vinho Alvarinho no total de vinhos brancos produzidos

Área Geográfica	Campanhas 2012/2013		Campanhas 2013/2014		
	Vinhos brancos (litros)	Vinho Alvarinho	% Alvarinho	vinhos brancos (litros)	% Alvarinho
Melgaço	2 075 806	1 854 918	89,4	3 736 252	87,7
Monção	2 002 074	1 592 120	79,5	3 254 724	76,5
<b>SRMM</b>	<b>4 077 880</b>	<b>3 447 038</b>	<b>84,5</b>	<b>6 990 976</b>	<b>82,5</b>